

# GEAE

GRUPO DE ESTUDOS AVANÇADOS ESPÍRITAS

**BOLETIM GEAE | ANO 24 | NÚMERO 569 | MARÇO DE 2017**

*Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade" Allan Kardec*



**Grupo de Estudos Avançados Espíritas - GEAE**

**Primeiro Grupo Espírita da Internet**

**Conselho Editorial:**

Carlos Alberto Iglesia Bernardo  
José Cid  
Raul Franzolin Neto  
Renato Costa  
Sérgio Freitas

Os boletins e informações sobre utilização do material do GEAE encontram-se no site:  
<http://www.geae.net.br>

## **Editorial**

Interessante conto espírita começou com uma inspiração de nosso editor Carlos Iglesia em uma de suas viagens de casa ao trabalho. Agora, nesta edição completamos as partes que se unem como um quebra cabeça. Ficção ou realidade?

Um texto de elevada significação para o Espiritismo se inicia com uma visão do que é o céu a algumas religiões denotando um espaço físico ou simbólico de beleza em harmonia com Deus. Kardec descreve em seguida a nossa relação com o plano espiritual; nossas falências e nossos méritos sempre dentro da Lei de Deus. Artigo escrito em 1865 para a Revue Spirite e muito atual para toda a humanidade.

O que você faz nas desavenças da vida? Uma mensagem do plano espiritual psicografada por Raul Franzolin Neto...Obrigado amigo(a) da equipe Vade Mécum...Que Deus lhe ampare sempre!

Qualquer comentário será bem-vindo ao GEAE:  
[editor@geae.net.br](mailto:editor@geae.net.br)

## **Sumário**

**[Um conto espírita \(III, IV e V\)](#) – Carlos A. Iglesia Bernardo**

**[Onde é o céu?](#) – Allan Kardec**

**[Nas desavenças da vida](#) – mensagem psicografada**



### *Um conto Espírita (III, IV e V)*

*Carlos Alberto Iglesia Bernardo*

Artigo publicado no Blog L´avenir: <http://lavenir.educacao.ws>

#### Um Conto Espírita (III)

##### ***De volta ao mundo espiritual***

Pedro se apressa, está preocupado com o seu cunhado João. Grandes amigos desde que se conheceram em um incidente de sua infância, os laços se fortaleceram mais ainda quando ele e sua irmã se apaixonaram e casaram.

O motivo da preocupação é o desespero de João com o estado de seu cão de estimação, Totó. Eles são muito apegados, Totó o acompanha para todos os lados há muitos anos. Até mesmo ao Centro Espírita eles vão juntos, Totó fica esperando na porta até que a sessão acabe.

O Centro Espírita do bairro foi fundado por Pedro. Após o incidente

mencionado, em que teve sua vida salva por João e Totó, ele começou a manifestar mediunidade. Teria sido internado em um hospício, não fosse a intervenção de um vizinho, que conhecia o Espiritismo.

Pedro estudou o Espiritismo, se tornou médium, se dedicou aos idosos necessitados. As notícias sobre suas atividades mediúnicas e assistenciais alcançaram outras cidades. Vinha gente de longe assistir às reuniões mediúnicas.

Totó passou de muito da idade a que costumeiramente chega a sua raça e, nos últimos dias, encontra-se em estado de fraqueza acentuado. Mal come e bebe. O Veterinário já sinalizou que a partida é iminente.

João questionou Pedro insistentemente sobre o que ocorreria com Totó após a morte. Pedro lhe explicou que é consenso entre os espíritas que os animais tem alma e que ela sobrevive à morte do corpo, mas, ainda não há uma conclusão definitiva sobre a sua situação na vida espiritual.

– “Alguns dizem que os animais ficam em estado de sono até serem conduzidos naturalmente para novas reencarnações, outros citam passagens mediúnicas que trazem evidências da participação dos animais em eventos no plano espiritual”.

– “Outra questão aberta é o seu grau de desenvolvimento espiritual. Alguns defendem que eles já tem um livre arbítrio relativo e, portanto, já estão sujeitos, como nós, à lei de causa e efeito. Outros pensam que isso só ocorre quando eles atingem o ponto de sua evolução espiritual em que deixam de ser animais e passam para o estágio humano. Há, inclusive, os que defendem que a palavra Espírito só deveria ser aplicada a partir desse momento”.

O que Pedro sabia dizer é que não foram poucas as vezes em que, ao sair do Centro após as sessões, vira um Espírito luminoso entretendo-se com Totó. Era um dos guias espirituais do Centro e membro de uma instituição do plano espiritual dedicada ao socorro de espíritos sofredores.

Totó alegrava-se muito nestas ocasiões e os frequentadores do Centro, que não podiam perceber o que se passava do lado espiritual, atribuíam a alegria à expectativa da saída do dono.

A passagem de Totó para o plano espiritual foi tranquila, parecia que esperava apenas que Pedro também

estivesse lá para a despedida final. Foi com um último olhar de carinho e agradecimento que se despediu de seus grandes amigos.

Tivesse Pedro se concentrado naquele momento, teria visto algo inusitado, ampla caravana espiritual se achava estacionada ao lado da casa. Uma grande matilha de cães adestrados para a ajuda ao próximo, brincava nas redondezas, invisíveis aos olhos dos encarnados.

Um Espírito de muita luminosidade adentrou o lar de João. Cortou os últimos laços que prendiam Totó aos seus despojos carnis e o recolheu.

Parte então a caravana, acompanhada pela matilha, rumo ao seu lar espiritual.

---

Um Conto Espírita (IV)

### ***Sinhô Doutor***

Sinhô Doutor era assim chamado por ser o único advogado que morava nas redondezas, muito requisitado nas questões jurídicas que surgissem naquele recanto rural e respeitado por todos.

Advogado mais por ambição que por vocação, com um entendimento muito particular de suas obrigações, era exímio em manejar a lei em favor de seus próprios interesses. Atendia preferencialmente os grandes proprietários de terras, em suas querelas com os vizinhos e posseiros. Sabia como ninguém garantir a posse de uma propriedade irregular ou desalojar um pobre coitado sem título de posse.

Entre seus clientes, havia um porém, Nhô Bento, que pouco trabalho e rendimento lhe trazia. Fazendeiro e homem de negócios extremamente correto, só recorria ao advogado quando

realmente necessitava de ajuda legal na elaboração de um contrato ou no desenrolar de suas transações comerciais.

A ocasião chegou para o Sinhô Doutor, quando Nhô Bento lhe pediu para localizar seu único parente restante. Era o filho de um primo que havia deixado aquelas paragens pela cidade grande e que agora deveria estar moço.

Nhô Bento começava a sentir a idade e queria se aproximar do parente para conhece-lo melhor e, quem sabe, passar-lhe a gestão de seus muitos negócios.

Sinhô Doutor se incumbiu da tarefa, mas, aproveitou para descobrir o ponto fraco do moço. Este era ganancioso ao extremo. Fácil foi induzi-lo a tomar a tutela da fortuna, naturalmente mediante régia remuneração para si mesmo.

Ele só não previa que a ganância do jovem levaria à tragédia. Percebeu rapidamente o que aconteceu quando Nhô Bento foi encontrado morto, estraçalhado por um mastim da fazenda.

Mediante nova remuneração ajustou a situação, o incidente foi convenientemente registrado como infeliz acidente e qualquer suspeita abafada rapidamente. Foi ele inclusive que insistiu para que o mastim fosse imediatamente sacrificado, pois notou que ele era muito bem treinado e, caso outros percebessem isso também, poderiam surgir complicações para manter a versão contada.

Ganhou muito com este desonroso negócio, mas, se dele lembrava, era como uma nota de rodapé, de somenos importância, na brilhante carreira que imaginava para si mesmo. Perdeu o contato com o herdeiro de Nhô Bento, quando, algum tempo após herdar a fortuna, este deixou de ser um de seus

clientes habituais. Sabia que ele havia se arrependido e, castigado pelo remorso, virará filantropo. Mas, Sinhô Doutor, jamais se arrependeu.

A morte o encontrou assim, muitos anos depois, sem remorsos e com a consciência adormecida. Se a morte o encontrou, não o fez o descanso eterno.

Atormentado por suas visões interiores, quase que demente, vagou muitos anos pelas paisagens sombrias dos planos espirituais mais inferiores. Andanças que um dia o levaram a cair extenuado e, num relance de lucidez, finalmente lembrar-se de que Deus existe.

Súplica ardente e sincera ao Altíssimo, imediatamente é respondida por latidos ao longe. Mais um pouco e prestimoso mastim se aproxima. Rapidamente o mastim afasta os vultos tenebrosos que tentavam arrastar Sinhô Doutor para longe dos socorristas.

Chegam então luminosos seres, guiados pelos latidos, que o recolhem em providencial maca. Ele percebe vagamente que o carregam por pequena distância e daí o colocam em um dos veículos de um longo comboio. O mastim, que o segue até o momento em que a maca é recolhida no veículo, estranhamente lhe parece familiar.

Começa então para o Sinhô Doutor o longo caminho de retorno ao cumprimento das Leis Divinas.

---

Um Conto Espírita (V)

## ***Reencontro***

Todos rodeiam e cumprimentam Flávio. Ele está imensamente feliz. O ambiente é de festa, a reunião espiritual foi um

sucesso e os últimos detalhes para sua volta ao plano terreno acertados.

Realizada no modesto salão do pequeno centro espírita do bairro, contou com a presença dos irmãos encarnados através do desdobramento pelo sono físico. João e sua esposa, dois frequentadores do centro, aceitaram receber Flávio como filho. Pedro, o fundador do grupo e médium, aceitou o compromisso de guiar seus primeiros passos na Doutrina.

Flávio, um dos guias da casa, espírito de luz há muito, retornará as lides terrenas para ajudar seus três filhos de uma encarnação passada. Então, nas Gálias, ligou-se ao Cristianismo nascente, mas, incompreendido pela família e pelos amigos, teve que renunciar à sua posição social e até mesmo à sua vida, coroada pelo martírio em testemunho de sua fé.

Seus antigos filhos, fugindo de toda orientação que procurou lhes dar desde então, lançaram-se à toda sorte de desacertos e, por várias existências, comprometeram-se com as leis divinas.

Agora, pela primeira vez, as perspectivas são outras, sob os nomes de Pedro e João, dois deles se encontram decididamente no caminho do bem e o terceiro, começa a abrir-se para o arrependimento. Seus últimos erros, como Sinhô Doutor, o colocaram em uma situação de extrema penúria espiritual, mas, por outro lado, o sofrimento decorrente, quebrou-lhe finalmente a casca de orgulho e indiferença pelo próximo com que se cobria há séculos.

Sinhô Doutor, agora um pobre demente abrigado na instituição fundada por Pedro, está prestes a desencarnar. Ficará algum tempo na instituição espiritual a qual o centro se encontra ligado e retornará ao corpo físico assim que Flávio, reencarnado,

estiver casado e pronto para acolhê-lo novamente como filho.

João e Pedro perdoaram Sinhô Doutor. O primeiro lhe será avô carinhoso no futuro e o outro o receberá também na escola dominical para o aprendizado do Evangelho de Jesus.

Flávio sai sorridente do salão e procura seu fiel companheiro, que deveria estar aguardando do lado de fora. Olha para todos os lados e finalmente o vê.

É uma cena engraçada. Totó, desencarnado há alguns dias, está correndo e pulando alegremente em torno de João e Pedro. O grupo de espíritos que os levavam de volta aos seus lares, teve que parar para dar-lhes oportunidade de brincar com o cão.

Não há dúvidas, ele vai pedir autorização para que Totó volte mais uma vez com eles ao plano físico.

Este cão tem sido seu companheiro tantas vezes que Flávio nem sabe mais dizer como os laços que os unem começaram. Há outros animais aos quais Flávio dedica sua atenção, inclusive como responsável pelas caravanas socorristas da instituição nos planos inferiores da espiritualidade, que contam sempre com a escolta de uma valorosa matilha.

Mas, Totó é especial. No momento crucial da vida de Flávio, quando vieram buscá-lo para o martírio, lá estava ele e foi o único que se levantou em sua defesa. Tentativa inútil, prontamente anulada pelas lanças dos legionários, mas, Flávio jamais se esqueceu da cena e a gratidão que sente ainda é a mesma que sentiu naquele momento longínquo no tempo.

Flávio, parado na porta do centro, contemplando a alegre algazarra criada por Totó, João e Pedro, não pode deixar de

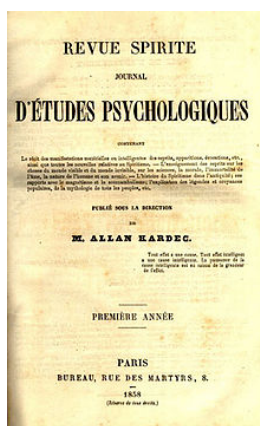
elevar o pensamento em gratidão ao Criador.

Volta-lhe a memória neste instante também o ponto culminante de outra encarnação. O momento em que, andando despreocupado pelos campos, deparou-se com a cena de um homem pregando a boa nova do Reino dos Céus aos animais silvestres que o cercavam.

Foi com Francisco de Assis que aprendeu que todos os seres da Criação são nossos irmãos.

Muita Paz,  
Carlos A. I. Bernardo

## Nos tempos da Codificação



### Onde é o céu?

*Allan Kardec*

**Nessa imensidade sem limites, onde, pois, está o céu? Por toda a parte; nenhum muro o limita; os mundos felizes são as últimas estações que a ele conduzem, as virtudes lhes abrindo o caminho e os vícios lhes barrando o acesso.**

O vocábulo céu se diz, em geral, do espaço indefinido que circunda a Terra e, mais particularmente, da parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim coelum, formado do grego koitos, oco, côncavo, porque o céu parece aos nossos olhos como uma imensa concavidade. Os antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas

concêntricas, das quais a Terra era o centro. Girando em torno da Terra, essas esferas arrastavam consigo os astros, que se achavam em seu circuito.

Esta ideia, devida à insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teologias, que fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos graus da beatificação; o último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião

mais comum, havia sete. Daí a expressão Estar no sétimo céu, para exprimir a felicidade perfeita. Os Muçulmanos admitiam nove, em cada um dos quais aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Ptolomeu(1) contava onze, dos quais o último era chamado Empíreo(2), devido à deslumbrante luz que ali reina. É ainda hoje o nome poético, dado ao lugar da eterna beatitude. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, além da região dos astros, é a morada do Altíssimo, a casa dos eleitos, que contemplan Deus face a face. É em vista desta crença que se diz que São Paulo foi levado ao terceiro céu.

As diversas doutrinas concernentes à morada dos bem-aventurados repousam, todas, no duplo erro que a Terra seja o centro do universo, e que a região dos astros é limitada. Foi para além deste limite imaginário que todas colocaram a morada feliz e morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia, que coloca o autor de todas as coisas, o que as governa todas, nos confins da criação, em vez de no centro de onde a radiação de seu pensamento poderia estender-se a tudo!

Com a inexorável lógica dos fatos e da observação, a ciência levou seu facho até às profundezas do espaço e mostrou a inanidade de todas essas teorias. A Terra já não é o pivô do universo, mas um dos menores astros rodando na imensidade; o próprio sol não passa de um centro de um turbilhão planetário; estrelas são inumeráveis sóis, em torno dos quais circulam mundos incontáveis, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, posto que pareçam tocar-se. Nesse conjunto, regido por leis eternas,

nas quais se revelam a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra não aparece senão como um ponto imperceptível e um dos menos favorecidos para a habitabilidade. Desde então se pergunta por que Deus a teria feito como única sede da vida e para aí teria relegado suas criaturas prediletas. Ao contrário, indica que a vida está por toda a parte, que a humanidade é infinita como o universo. Revelando-nos a ciência, mundos semelhantes à Terra, Deus não os podia ter criado sem objetivo. Deveria tê-los povoado por seres capazes de os governar.

As ideias do homem estão na razão do que sabe. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos lhe deve ter dado um outro curso. Sob o império desses novos conhecimentos, suas crenças devem ter-se modificado. O céu foi deslocado; a região das estrelas, não tendo limites, não mais lhe pode servir. Onde está ele? Ante uma tal questão, todas as religiões ficam mudas.

O Espiritismo vem resolvê-la, demonstrando o verdadeiro destino do homem. A natureza deste último, e os atributos de Deus, tomados como ponto de partida, levam à conclusão.

O homem é composto do corpo e do Espírito. O Espírito é o ser principal, o ser de razão, o ser inteligente; o corpo é o envoltório material, que reveste temporariamente o Espírito, para a execução de sua missão na Terra e ao trabalho necessário ao seu adiantamento. Uma vez gasto, o corpo se destrói e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o maneja; sem o corpo, o Espírito é tudo: vida e inteligência. Deixando o corpo,

entra no mundo espiritual, de onde havia saído para encarnar-se.

Há, pois, o mundo corporal, composto de Espíritos encarnados, e o mundo espiritual, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, pelo mesmo fato de seu envoltório material, estão presos à Terra, ou a um globo qualquer; o mundo espiritual está por toda a parte, em redor de nós e no espaço; nenhum limite lhe é marcado. Em razão da natureza fluidica de seu envoltório, os seres que o compõem, em vez de se arrastarem penosamente no solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os retêm cativos.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com aptidão para tudo adquirir e para progredir, em vista de seu livre-arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, em consequência, novos prazeres desconhecidos aos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, nem ouvir, nem sentir, nem compreender. A felicidade está na razão do progresso realizado; de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente porque é tão adiantado intelectual e moralmente, sem que haja necessidade de se acharem em lugares diferentes. Posto estejam um ao lado do outro, um pode estar nas trevas, enquanto tudo é resplendente em redor do outro, absolutamente como para um cego e um vidente que se dessem as mãos: um percebe a luz, que não faz qualquer impressão sobre seu vizinho. A felicidade dos Espíritos é inerente às qualidades que possuem: assim, a desfrutam onde quer

que se encontrem, na superfície da Terra, entre encarnados ou no espaço.

Uma comparação vulgar dará melhor ainda a compreender esta situação. Se num concerto estiverem dois homens, um bom músico e de ouvido educado, o outro sem conhecimento de música e com o ouvido pouco delicado: o primeiro experimenta uma sensação de satisfação, ao passo que o segundo fica insensível, porque um compreende e percebe o que no outro não causa nenhuma impressão. Assim é com todos os prazeres dos Espíritos, que estão na razão da aptidão para os sentir. O mundo espiritual tem esplendores em toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda submetidos às influências da matéria, nem mesmo entreveem, pois só são acessíveis aos Espíritos depurados.

Nos Espíritos o progresso é fruto do próprio trabalho. Mas, como são livres, trabalham por seu adiantamento com maior ou menor atividade ou negligência, conforme sua vontade; assim, apressam ou retardam seu progresso, e, por isto mesmo, sua felicidade. Ao passo que uns avançam rapidamente, outros se arrastam por longos séculos nas fileiras inferiores. São, pois, os próprios artífices de sua situação, feliz ou infeliz, conforme a palavra do Cristo: “A cada um segundo as suas obras.” Todo Espírito que fica para trás não pode lamentar-se senão de si mesmo; o que avança tem mérito. A felicidade que conquistou não passa de prêmio aos seus olhos.

A felicidade suprema só é partilha dos Espíritos perfeitos, isto é, dos puros Espíritos. Eles só a atingem depois de haver progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos; mas o que o



Espírito não faz num tempo, fá-lo-á em outro; de sorte que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis a razão pela qual, por vezes, se veem homens inteligentes e instruídos muito pouco adiantados moralmente, e reciprocamente.

A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade que é obrigado a desenvolver no trabalho; ao progresso moral, pela necessidade que os homens têm uns dos outros. A vida social é a pedra de toque das boas e más qualidades. A bondade, a maldade, a suavidade, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, numa palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso, tem por móvel, por objetivo e por estimulante as relações do homem com os seus semelhantes. Por isto, quem vivesse só, nem teria vícios, nem virtudes. Se, pelo isolamento, se preserva contra o mal, todavia, anula-se o bem.

Uma única existência corporal é manifestamente insuficiente para que o Espírito possa adquirir tudo o que lhe falta em bem e se desfazer de tudo o que em si é mau. O selvagem, por exemplo, jamais poderia, numa só encarnação, atingir o nível moral e intelectual do mais adiantado Europeu? Isto é materialmente impossível. Deve-se, pois, ficar eternamente na ignorância e na barbárie, privado dos prazeres que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar? O simples bom senso repele tal suposição, que seria, ao mesmo tempo, a negação da justiça e da bondade de Deus, e a da lei progressiva da natureza. Eis porque Deus, que é

soberanamente justo e bom, concede ao Espírito do homem tantas existências quantas necessárias para atingir o objetivo que é a perfeição. Em cada nova existência ele traz o que adquiriu nas precedentes, em aptidão, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade. Cada existência é, assim, um passo à frente na via do progresso, a menos que, pela preguiça, por sua despreocupação ou por sua obstinação no mal, não a aproveite, caso em que deve recomeçar. Dele depende, pois, aumentar ou diminuir o número de suas encarnações, sempre mais ou menos penosas e laboriosas.

No intervalo das existências corpóreas o Espírito entra, por um período mais ou menos longo, no mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal que haja feito. O estado espiritual é o estado normal do Espírito, desde que teve o seu estado definitivo e o corpo espiritual não morre. O estado corporal é apenas transitório e passageiro. É o estado espiritual, sobretudo, que recolhe os frutos do progresso realizado por seu trabalho na encarnação; também é quando se prepara para novas lutas e toma resolução que se esforça para pôr em prática, ao voltar à humanidade.

A reencarnação pode dar-se na Terra ou em outros mundos. Entre os mundos, uns são mais adiantados que outros e neles a existência se realiza em condições menos penosas do que na Terra, física e moralmente, mas onde não são admitidos senão Espíritos que atingiram um grau de perfeição compatível com o estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, porque aí se está isento dos males e vicissitudes a que se está exposto aqui. Os corpos menos materiais, quase

fluídicos, ali não estão sujeitos nem às doenças, nem às enfermidades, nem às mesmas necessidades. Estando excluídos os maus Espíritos, os homens ali vivem em paz, sem outro cuidado senão o de seu adiantamento pelo trabalho da inteligência. Ali reinam a verdadeira fraternidade, pois não há egoísmo, a verdadeira liberdade, pois não há desordens a reprimir, nem ambiciosos procurando oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são um verdadeiro paraíso; são as etapas da via do progresso, que conduz à morada definitiva. Sendo a Terra, um mundo inferior, destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, eis a razão pela qual o mal aqui domina até que a Deus apraza dela fazer a morada de Espíritos mais adiantados.

Assim é que o Espírito, progredindo gradualmente, à medida em que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade; mas, antes de haver atingido o ponto culminante da perfeição, goza de uma felicidade relativa ao seu adiantamento. Como a criança gosta dos prazeres da primeira infância, mais tarde, os da juventude e, finalmente, os mais sólidos da idade madura.

A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não é a ociosidade contemplativa, que seria, como muitas vezes já foi dito, uma eterna e fastidiosa inutilidade. Em todos os graus, a vida espiritual é, ao contrário, uma atividade constante, mas isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da criação, que nenhuma linguagem poderia pintar, que a mais fecunda imaginação poderia conceber; no conhecimento e na penetração de todas as coisas; na ausência de todo cansaço físico e moral; numa

satisfação íntima, uma serenidade de alma, que nada altera; no amor que une todos os seres, devido à ausência de todo atrito pelo contato dos maus e acima de tudo pela visão de Deus e a compreensão de seus mistérios, revelados aos mais dignos. Ela está, também, nas funções de cujo encargo se sentem felizes. Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus, para transmissão e execução de suas vontades; eles realizam as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do universo, encargo glorioso, ao qual só se chega pela perfeição. Só os da ordem mais elevada estão nos segredos de Deus, inspirando-se em seu pensamento, do qual são os representantes diretos.

As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu adiantamento, às luzes que possuem, às suas capacidades, às suas experiências e ao grau de confiança que inspiram ao soberano Mestre. Aí não há privilégios ou favores, que não sejam o preço do mérito: tudo é medido ao peso da estrita justiça. As mais importantes missões não são confiadas senão aos que são capazes de as desempenhar e incapazes de falhar ou de as comprometer. Ao passo que sob os olhos do próprio Deus, os mais dignos compõem o conselho supremo, a chefes superiores é confiada a direção de um turbilhão planetário, a outros é confiada a de um mundo especial. Vêm a seguir, na ordem de adiantamento e de subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas dos que são prepostos à marcha dos povos, à proteção das famílias e dos indivíduos, ao impulso de cada ramo do progresso, às diversas operações da natureza, até aos mínimos detalhes da criação. Nessa vasto e harmonioso conjunto, há ocupação para todas as capacidades, todas as aptidões, todas as

boas vontades, ocupações aceitas com alegria, solicitadas com ardor, porque são um meio de adiantamento para os Espíritos que aspiram elevar-se.

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos; não é mais necessária aos que transpuseram o seu limite e que progredem no estado espiritual, ou em existências corporais em mundos superiores, que nada mais têm da materialidade terrestre. Da parte destes é voluntária, visto como exerce sobre os encarnados uma ação direta para a realização da missão de que estão encarregados junto àqueles. Aceitam as suas vicissitudes e os sofrimentos por devotamento.

Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, os há de todos os graus de importância, confiadas aos de todas as ordens. De onde poder dizer-se que cada encarnado tem a sua, isto é, deveres a cumprir para ao bem de seus semelhantes, desde o pai de família, a quem incumbe o cuidado de fazer os filhos progredirem, até o homem de gênio, que lança na sociedade novos elementos de progresso. É nessas missões secundárias que muitas vezes se encontram fracassos, prevaricações, renúncias, mas que só prejudicam o indivíduo, e não o conjunto.

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, seja qual for o grau que tenham atingido, e cada uma na medida de suas forças; umas no estado de encarnação, outras, no de Espírito. Por toda parte a atividade, de baixo ao alto da escala, todas se instruindo, se ajudando entre si, se prestando mútuo apoio, se dando as mãos, para chegarem ao topo.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal, isto é, entre os homens e os

Espíritos, entre os Espíritos livres e os Espíritos escravizados. Assim se perpetuam e se consolidam, pela depuração e pela continuidade das relações, as verdadeiras simpatias, as afeições santas.

Por toda a parte, pois, há vida e movimento; nenhum recanto do espaço infinito que não esteja povoado; nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por inumeráveis legiões de seres radiosos, invisíveis para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja vista deslumbra de admiração e de alegria as almas desprendidas da matéria. Enfim, por toda a parte há uma felicidade relativa para todos os progressos, para todos os deveres cumpridos; cada um leva consigo os elementos de sua felicidade, na razão da categoria onde o coloca seu grau de adiantamento.

A felicidade depende das qualidades próprias dos indivíduos e não o estado material do meio em que se acham; está, pois, em toda a parte onde haja Espíritos capazes de ser felizes; nenhum lugar circunscrito lhes é assinado no universo. Em qualquer lugar onde se encontrem, os puros Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte.

Entretanto a felicidade não é pessoal. Se só se a encontrasse em si mesmo, se se não pudesse fazer que outros a partilhassem, seria egoísta e triste; ela está também na comunhão de pensamentos que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes atraídos uns para os outros pela similitude de ideias, gostos, sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades, e se penetra dos eflúvios serenos e benéficos, que emanam do

conjunto, cujos membros, tanto se dispersam para se darem às suas missões, tanto se reúnem num ponto qualquer do espaço para comunicar o resultado de seus trabalhos, ou se reúnem em torno de um Espírito de ordem mais elevada, para receber conselhos e instruções.

Posto estejam os Espíritos por toda a parte, os mundos são focos onde de preferência se reúnem, em razão da analogia que existe entre si e os que os habitam. Em torno dos mundos adiantados abundam os Espíritos superiores; em torno dos atrasados pululam os Espíritos inferiores. A Terra é ainda um destes últimos. Cada globo, pois, de certo modo, tem sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, que se alimenta, em maioria, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. Essa população é mais estável nos mundos inferiores, onde os Espíritos são mais ligados à matéria, e mais flutuante nos mundos superiores. Mas dos mundos focos de luz e felicidade, destacam-se Espíritos para mundos inferiores, a fim de aí semearem os germes do progresso e levar a consolação e a esperança, levantar os ânimos abatidos pelas provações da vida e, por vezes, aí se encarnam para cumprir sua missão com mais eficácia.

Nessa imensidade sem limites, onde, pois, está o céu? Por toda a parte; nenhum muro o limita; os mundos felizes são as últimas estações que a ele conduzem, as virtudes lhes abrindo o caminho e os vícios lhes barrando o acesso.

Ao lado deste quadro grandioso, que povoa todos os recantos do universo, que dá a todos os objetos da criação um objetivo e uma razão de ser, como é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a humanidade num

imperceptível ponto do espaço, que nô-la mostra começando num dado instante, para terminar, igualmente, num dia, com o mundo que a leva, não abarcando, assim, senão um minuto na eternidade! Como é triste, fria, glacial, quando nos mostra o resto do universo antes, durante, e depois da humanidade terrena, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio! Como é desesperadora, pelo quadro que apresenta do pequeno número dos eleitos votados à perpétua contemplação, enquanto a maioria das criaturas é condenada a sofrimentos sem fim! Como é pungente para os corações amantes, pela barreira que põe entre os vivos e os mortos! Dizem que as almas felizes só pensam em sua felicidade; as infelizes, em suas dores. É de espantar que o egoísmo reine na Terra, quando o mostram no céu? Então como é acanhada a ideia que ela dá da grandeza, do poder e da bondade do Criador!

Ao contrário, quanto é sublime o que apresenta o Espiritismo! Como sua doutrina amplia as ideias e alarga o pensamento! - Mas quem diz que ele é verdadeiro? Primeiro a razão, depois a revelação; finalmente a concordância com o progresso da ciência. Entre duas doutrinas, das quais uma apequena e a outra amplia os atributos de Deus; das quais uma se atrasa e a outra vai à frente, diz o bom senso de que lado está a verdade. Que em presença dos dois, cada um, no foro íntimo, interrogue as suas aspirações e uma voz íntima lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

Mas, então, porque, desde o princípio, Deus não lhes revelou toda a verdade? Pela mesma razão por que não se ensina à criança o que se lhe ensina na idade

madura. A revelação restrita era bastante durante um certo período da humanidade; Deus as proporciona às forças do Espírito. Os que hoje recebem uma revelação mais completa são os mesmos Espíritos que noutros tempos receberam apenas uma parcela, mas que depois cresceram em inteligência. Antes que a ciência lhes tivesse revelado as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, teriam compreendido a imensidade do espaço, a pluralidade dos mundos? Teriam podido identificar-se com a vida espiritual? conceber, depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, a não ser num lugar circunscrito

e sob uma forma material? Não. Compreendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o universo era demasiado vasto para seu cérebro. Era preciso reduzi-lo a menores proporções, para o pôr em seu ponto de vista, livre de o ampliar mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade, então; era sábia; hoje é insuficiente. O erro é daqueles que, não levando em conta o progresso das ideias, creem poder governar homens maduros com as andadeiras da infância.

Fonte: Kardec, A. Revista Espírita. Ano VIII. Vol.3 Março de 1865.

## *Comunicabilidade Espiritual*

---

### *Nas desavenças da vida*



Nas desavenças da vida  
Percorremos atribuições cansáveis e longas  
Parecem intermináveis que vem e vão  
São tristes recordações daquilo que  
queríamos ver apagadas  
E como desilusão, sempre estão ao nosso  
lado  
Solicitações constantes refazem nosso mal  
estar  
E tudo parece chegar ao fim do caminho  
Não há mais onde seguir  
Só resta o nada.

Mas o que é o nada?  
Da imaginária escuridão total  
Das sequelas do vazio  
Do triste silêncio acabrunhado  
Da angústia de não mais existir  
Do medo da morte final  
Da inconsistência dos seres humanos  
Só resta o caos.

Mas o caos é algo  
Da destruição, a reconstrução  
Da intolerância, o amor

Do nascimento, o renascimento  
Da escuridão, a luz  
Da solidão, a amizade  
Da ignorância, o progresso  
Do progresso, a sabedoria  
Do nada, o tudo  
Da simplicidade, a evolução  
Do frio, o amparo  
Da vida, a emoção da paz  
Só resta o tudo.

Mas o que é o tudo?  
A certeza da continuidade  
A esperança no amanhã  
O amor no coração  
A vida em sociedade  
O sonho do real  
A fonte da sabedoria  
A luz do invisível  
A sorte da paixão  
A sobrevivência do ser  
A voz que voa

Enfim, tudo existe  
E nem mesmo o céu  
Se define no meu mundo que me espera  
Ei de sempre te amar  
Obrigado por tudo...

Vade Mécum, mensagem psicografada por  
Raul Franzolin Neto

### ***Publicações no Boletim GEAE***

*Envie artigos, textos e comentários ao Conselho Editorial do GEAE pelo e-mail: [editor@geae.net.br](mailto:editor@geae.net.br) ; Acesse nossa página (<http://www.geae.net.br>) para maiores informações.*